

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano V | Volume 15 | Nº 44 | Boa Vista | 2023

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<https://doi.org/10.5281/zenodo.8207046>



NARRATIVA FANTÁSTICA: UM ESTUDO DO CONTO INDÍGENA: AS AMANTES FEITICEIRAS

Maria Jodailma Leite¹

Sandra de Melo Silva²

Resumo

Esse trabalho constitui-se de um estudo sobre o conto indígena *As amantes feiticeiras*, intitulado do povo Karajá, presente no livro *A caveira -rolante, a mulher-lesma e outras histórias indígenas de assustar* do autor Daniel Munduruku publicado em 2010, sob a ótica da literatura fantástica. Nesta pesquisa objetivamos discutir a formação de leitores juvenis, tendo o texto literário como foco, levantando reflexões a respeito da afetividade pela leitura, usufruiremos da literatura indígena para promover a criticidade e valorização de identidades. Efetivamos nossas ações, adotando metodologias de caráter bibliográficos e de campo, realizamos uma busca por referências que nos conferissem respaldo teórico e investigativo e foi realizada uma pesquisa qualitativa com 90 jovens de escolas públicas e privadas da cidade de São Paulo, estudantes do ensino fundamental II e médio. Obtivemos resultados expressivos, evidenciando o apreço deste público pelas histórias fantásticas de terror e mistério. O estudo empreendido aqui e a nossa trajetória, enquanto docente, tem mostrado que a formação literária com vozes dos povos originários do território brasileiro é cada vez mais necessária em todos os níveis do ensino básico, uma vez que auxilia no desenvolvimento humano e cognitivo dos sujeitos, tal como, a desconstrução de estereótipos. Acreditamos que a análise de Literatura indígena com ênfase na literatura fantástica pode ampliar e enriquecer a interação autor-texto-leitor, proporcionando uma melhor interpretação, compreensão e desenvolvimento de habilidades leitoras.

Palavras-chave: Conto Indígena; Leitor Literário; Literatura Fantástica.

Abstract

This work consists of a study on the indigenous tale *As lovers witches*, entitled by the Karajá people, present in the book *A skull -rolling, woman-slug and other indigenous stories to scare* author Daniel Munduruku published in 2010, from the perspective of of fantastic literature. In this research we aim to discuss the formation of young readers, having the literary text as a focus, raising reflections about affectivity through reading, we will take advantage of indigenous literature to promote criticality and valorization of identities. We carried out our actions, adopting methodologies of a bibliographical and field nature, we carried out a search for references that would give us theoretical and investigative support and a qualitative research was carried out with 90 young people from public and private schools in the city of São Paulo, students of elementary school II is medium. We obtained expressive results, showing the appreciation of this audience for fantastic stories of terror and mystery. The study undertaken here and our trajectory as a teacher have shown that literary training with the voices of peoples originating from the Brazilian territory is increasingly necessary at all levels of basic education, since it helps in the human and cognitive development of the subjects. such as the deconstruction of stereotypes. We believe that the analysis of indigenous literature with an emphasis on fantastic literature can expand and enrich the author-text-reader interaction, providing a better interpretation, understanding and development of reading skills.

Keywords: Fantastic Literature; Indigenous Tale; Literary Reader.

¹ Professora na Educação Básica. Mestre em Literatura e Crítica Literária pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). E-mail: mjodailma@gmail.com

² Professora na Educação Básica. Doutoranda em Literatura e Crítica Literária pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). E-mail: sanmelo30@yahoo.com.br



INTRODUÇÃO

A sociedade brasileira é marcada pela diversidade. Somos um país de muitos povos indígenas, com uma imensa população de descendentes de povos africanos e de imigrantes. Tudo isso podemos ver expresso nas diversas manifestações culturais, nas festas, nos sotaques e expressões típicas regionais. Essa diversidade marcada pela riqueza de expressões frequentemente dá margem a manifestações de preconceitos e discriminações. A literatura nos permite conhecer as diferentes culturas, as diferentes formas de vida e os diferentes modos de ser de cada povo, promovendo a valorização das singularidades, a alteridade e o conhecimento de diferentes mundos.

Sabemos que os jovens leitores da atualidade têm o seu comportamento determinado por uma série de questões que merecem ser examinadas. Cercados por um bombardeio de sons, imagens e múltiplas informações, o tempo do jovem, contemporâneo é marcado por publicações em redes sociais, jogos virtuais, entre outras formas de entretenimento. Nesse sentido Lluç propõe no capítulo *Los jóvenes y adolescentes comparten la lectura*, na qual ela afirma que:

[...] ahora bien, estos nuevos lectores provienen de una cultura diferente, tienen habilidades y destrezas más relacionadas con la comunicación virtual y la cultura audiovisual que con la lectoescritura y, lo más importante, cuando leen un libro, sus expectativas están relacionadas con el ocio o la diversión. Estos lectores, convertidos en autores, prescriptores y diseñadores de nuevas formas de promoción lectora, consiguieron crear un nuevo circuito lector, ni mejor ni peor. (2017, p. 133)

34

Nesse sentido, para formar leitores críticos capazes de interferir na própria realidade, de refletir sobre o discurso, o mediador de leitura, necessita ter o compromisso de construir, por meio de atividades de leitura, estratégias bem elaboradas, incluindo a escolha das obras a serem trabalhadas. Segundo Cosson, o ensino de literatura deve efetivar um movimento contínuo de leitura, “partindo do conhecido para o desconhecido, do simples para o complexo, do semelhante para o diferente, com o objetivo de ampliar e consolidar o repertório cultural do aluno” (2014, p. 47-48).

Dessa forma, é preciso ter claro que a formação do leitor literário não é apenas um processo de decodificação de letras e palavras, não é somente converter grafemas em fonemas. Ao ler, atribuímos sentido à obra, construímos o significado do texto, e os benefícios que a leitura traz vão muito além de um entendimento imediato do que é lido. Segundo Freire, “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele” (1989, p. 7). O mediador é o responsável pela tarefa de promover o encontro e o diálogo entre o leitor e o livro. Cabe a ele articular todos os recursos e estratégias envolvidos na promoção da leitura.



Sendo assim, o presente estudo parte do pressuposto que para se desenvolver um trabalho significativo de formação de leitores juvenis é necessário que o mediador ou agentes de leituras, vivenciem uma literatura verdadeiramente inclusiva, transformando-a em um espaço em que possam dialogar e ouvir esses jovens. Nesse sentido Andruetto (2017) diz que:

Ler é aprender a entrar na vida e na língua, e assim a literatura nos oferece seu mistério, porque, ao nos permitir entrar num outro diverso, ao incluir-nos em seu mundo e o incluindo no nosso, nos abre novas experiências de contato com o sofrimento, o assombro, a dor, o regozijo ou a maldade; e nos oferece ao mesmo tempo a cura desses sentimentos.

A presente pesquisa visa contribuir com a formação de leitores juvenis proficientes e críticos, investigar a preferência do gênero literário desse público-alvo, levantando reflexões a respeito da afetividade pela leitura, e apresentar uma proposta de atividade com o conto *As amantes feiticeiras*, de Daniel Munduruku, escritor, professor, ator e ativista indígena brasileiro. Adotamos uma metodologia de abordagem qualitativa, utilizando como procedimentos pesquisas bibliográficas e de campo, realizamos questionários com 90 jovens de escolas públicas e privadas da cidade de São Paulo, estudantes do ensino fundamental II e médio, que apontaram uma preferência deste público pela literatura fantástica.

Assim, buscamos compreender como se dão os elementos fantásticos presentes na obra *As amantes feiticeiras* e de quais modos tais recursos da literatura fantástica envolvem o público leitor juvenil, tendo a intenção de suscitar a reflexão, pois sabemos que a literatura tem o poder de alimentar o imaginário, despertando diferentes sensações. Nossos aportes teóricos estão ancorados nas concepções de Zilberman (2003), Petit (2008), Colomer (2003), Cosson (2014), Silva (2021), Todorov (1970), Heild (1980), Munduruku (2010), dentre outros. Esses autores apresentam pesquisas sobre a formação do leitor literário, literatura fantástica e indígena.

Nessa perspectiva, assim como as memórias e vivências dos sujeitos passam de geração em geração, o trânsito pela literatura deve proporcionar ao leitor juvenil refletir perante os conflitos, as injustiças, os preconceitos e os dilemas vivenciados pelas personagens, por meio dos elementos ficcionais, assim como viajar por um universo mágico, o mundo da fantasia faz-se necessário para todos os povos. Nodier diz que “o fantástico se torna a expressão do refúgio contra a desilusão provocada pela dura realidade do mundo, e o termo abarca todas as áreas da imaginação poética. (1957, p. 64)”. O texto, aqui analisado, transpassa o conto para estimular a meditação sobre a importância de trabalhar a literatura indígena, ultrapassando a visão eurocêntrica, abrindo espaços para escritores que tenham tal identidade, e narrem com conhecimentos de vivências reais.



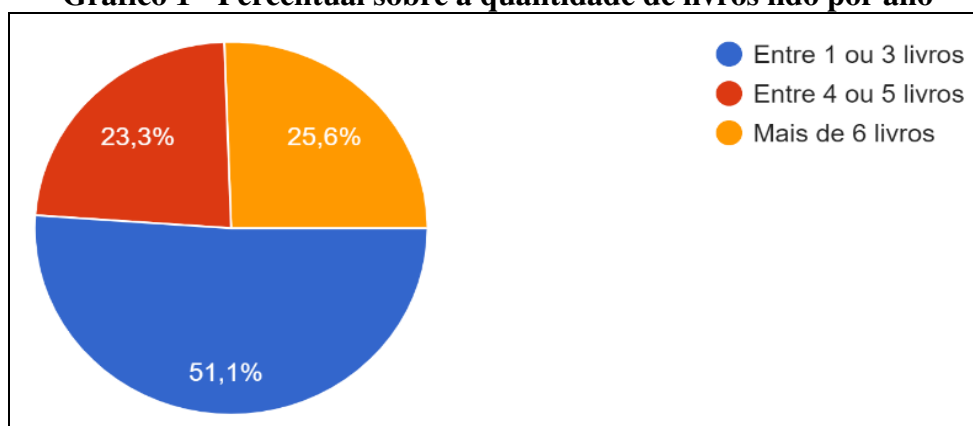
O presente texto foi dividido em quatro seções. Na introdução, apresentamos um panorama geral do texto. Na seção método, descreveremos informações e procedimentos sobre os participantes das pesquisas, gráficos e resultados das pesquisas abordadas. Realizaremos na seção seguinte, um breve histórico sobre a literatura fantástica e indígena. Posteriormente, na seção do conto e a formação do leitor apresentaremos as análises e contribuições para a formação deste público-alvo.

MÉTODO E ANÁLISE DA PESQUISA QUALITATIVA

A pesquisa foi desenvolvida integralmente no formato online, por meio da plataforma Google Forms, formulada com 5 questões fechadas de múltiplas escolhas, entre os meses de outubro de 2022 e março de 2023. Os estudantes foram selecionados atendendo aos critérios de inclusão: ser estudantes, alfabetizados e leitores. Após aceitar o convite para participar, os estudantes maiores de 18 anos e os familiares dos discentes menores concordaram com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em formato virtual. A pesquisa tinha como objetivo, levantar dados sobre os gostos dos jovens pela leitura literária.

Participaram da pesquisa noventa estudantes da rede pública e privada da cidade de São Paulo, atuantes no ensino fundamental II e médio, sendo a maioria expressiva do sexo feminino (66,7%). As idades variaram de 12 a 20 anos. (37,5%) entre 14 e 16 anos (17,1%) entre 17 e 20 anos (45,4%) entre 12 e 13 anos. O nível de escolaridade (42,8%) ensino fundamental II, (32,6%) ensino médio, (19,2%) educação de jovens e adultos (4,5%) ensino técnico. Questionados sobre a quantidade de livros esses jovens leem por ano nos deparamos com as seguintes respostas: (51,1%) um a três livros, (25,6%) mais de seis livros e (23,3%) entre quatro ou cinco livros. Questionado sobre a preferência de leituras de livros digital ou físico (50,0%) físico (42,2%) ambos as plataformas e (7,8%) digital. Perguntados sobre o gênero de sua preferência: (45,6%) terror (38,1%) HQ e (16,3%) poesia. Vejamos, no gráfico:

Gráfico 1 - Percentual sobre a quantidade de livros lido por ano

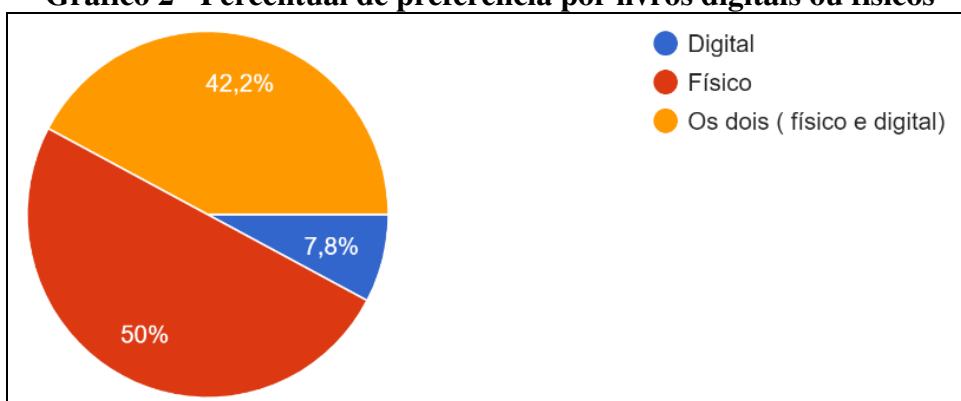


Fonte: Elaboração própria.



Este percentual apresentado é preocupante, demonstra quanto os adolescentes e os jovens estão lendo pouco. Silva (2021, p.33) afirma que “na ação do adjetivo trânsito, o sujeito ou objeto ao qual ele se refere não reside, mas está de passagem. Ou seja, o viajante não pertence”. Ainda nessa mesma perspectiva “os leitores adolescentes encontram nessas estruturas um território a conquistar (2021, p.33)”. Fica evidente por meio das respostas deste público-alvo a necessidade de propostas que evidencie um trabalho com a leitura literária significativa.

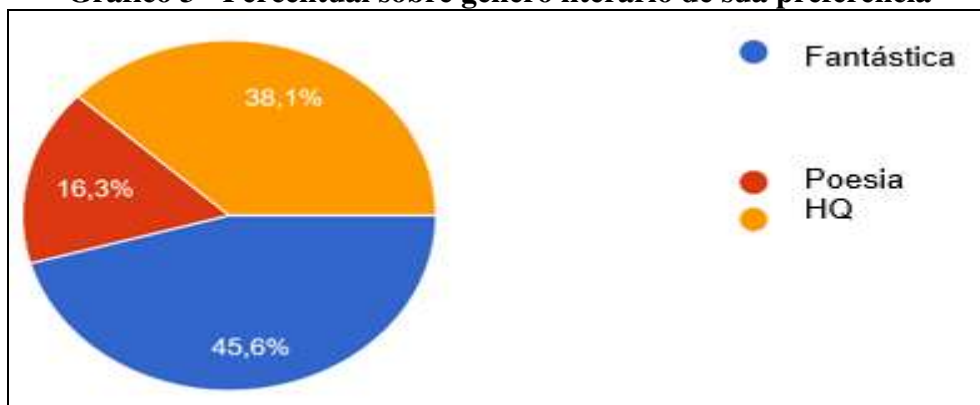
Gráfico 2 - Percentual de preferência por livros digitais ou físicos



Fonte: Elaboração própria.

Percebemos que o percentual de educandos/as que apresentam preferências por livros físicos foi algo surpreendente. Sabemos que estamos vivenciando a era digital e os jovens passam a maior parte do tempo no celular, na internet, contrapondo com os dados levantados acima. Silva afirma que “os adolescentes e os jovens principais alvos do consumismo, estabelecem então seu complexo aparato de construção como indivíduos[...] eles resistem, o mundo moderno se constrói entre aqui e acolá” (2021, p. 82-83).

Gráfico 3 - Percentual sobre gênero literário de sua preferência



Fonte: Elaboração própria.



Verifica-se por meio deste gráfico, o percentual dos/as estudantes, que apresenta preferência pela literatura fantástica, foi a partir dessas análises que resolvemos propor uma reflexão de um conto indígena fantástico.

LITERATURA FANTÁSTICA-BREVE HISTÓRICO

A palavra fantástico tem a origem do latim *phantasticus* cuja etimologia tem sua origem no grego *phantastikós*, que significa fantasia. O fantástico é um gênero que apresenta características como: utilização do medo como impulso essencial da narração, por elementos inexplicável do sobrenatural, por aparecer num universo realista, verossímil, pela importância determinante do motivo da hesitação, inicialmente a da personagem, a do leitor igualmente, por rupturas cronológicas e pôr um fim, muitas vezes, dramático.

Apesar de não existir uma data consensual, a literatura fantástica despontou entre o final do século XIX e o começo do século XX, sendo definida e redefinida por quase 70 anos por vários estudos literários, foi angariando características e proporções distintas em algumas partes do mundo. Dentre algumas destas obras se destaca os estudos de H.P. Lovecraft que definiria o conceito de literatura fantástica em sua obra *Supernatural Horror in Literature* (1945), sua perspectiva era voltar-se para uma associação de temas recorrentes em narrativas de cunho fantástico ou sobrenatural. Em 1947 teremos Sartre com sua obra *Situations*, prepara a definição para os contos de natureza fantástica que havia sido escrito no século XX. Mas é com Tzvetan Todorov com a obra *Introdução à literatura fantástica* (1970) que o teórico apresenta um estudo mais detalhado e consistente das características formais da literatura fantástica. Todorov (1970) salienta que a expressão literatura fantástica se refere a uma variedade da literatura ou, como se diz normalmente, a um gênero literário. O exame de obras literárias do ponto de vista de um gênero é uma empreita muito particular. O que aqui tentamos é descobrir uma regra que funcione através de vários textos e nos permita lhes aplicar o nome de “obras fantásticas” e não o que cada um deles tem de específico (TODOROV, 1970, p. 5).

Todorov trabalha com a definição do fantástico com dois gêneros vizinhos: o estranho e o maravilhoso. O estranho, se aproxima da realidade, no sentido de que cada elemento ou fato seria definido e explicado por meio de parâmetros naturais e científicos constituintes da realidade humana no tempo e no espaço. Já o maravilhoso reside num mundo imaginário, irreal para o natural humano, realidade sempre balizada no tempo e espaço de sua definição. O gênero fantástico acontece em função dessa incerteza, que provoca o que Todorov define como hesitação. Essa seria, pois, a condição fundamental para a existência do fantástico.



Segundo Todorov “A narrativa fantástica caracteriza-se ao mesmo tempo pela aliança e pela oposição que estabelece entre as ordens do real e do sobrenatural, promovendo a ambiguidade, a incerteza no que se refere à manifestação dos fenômenos estranhos, insólitos, mágicos, sobrenaturais” (TODOROV, 1980, p. 19), ou seja, Todorov defini o fantástico entre dois mundos: o real e o sobrenatural.

Sendo assim, a narrativa fantástica reúne, materializa e traduz um mundo de desejos, compartilhando elementos imaginários, ficcionais e sobrenaturais. A construção desta narrativa pode assumir variadas formas, tecendo diversificados elementos. Aqui, buscaremos analisar esses elementos numa narrativa curta, um conto, repleto de traços culturais, valorização da natureza, sobrevivência, uma literatura feita por mãos indígenas, tratando de um povo indígena.

LITERATURA INDÍGENA - UM BREVE CONTEXTO HISTÓRICO

Desde a chegada dos colonizadores europeus ao Brasil no século XVI, veremos que a historiografia conta a história do nosso país e dos povos indígenas sob a ótica eurocêntrica. Sabemos que o processo colonizador obedeceu a interesses econômicos por parte da coroa portuguesa. Todo interesse, passavam pelo desejo de encontrar ouro, metais, que eram objetos comercializados no comércio europeu. No entanto, a ausência de ouro, no primeiro momento, frustrou os colonizadores e os fez optar pela exploração do pau-brasil.

Outro ponto de suma importância foi o da igreja católica, essa obteve um papel fundamental na civilização dos povos indígenas com os jesuítas. A catequização, significou uma violência contra esses povos, configurada pela imposição de valores sociais, morais e religiosos, acarretando a desintegração e a consequente destruição de vários povos indígenas. Segundo Munduruku “o paradigma exterminacionista marca, portanto, um longo período histórico no qual predominou a violência física, concretizada em práticas genocidas, legalmente autorizadas pelo governo português” (2012, p. 28).

Podemos verificar, que as histórias de lutas, seus direitos e seus costumes, suas vozes enquanto sujeitos históricos, por muito tempo foram negligenciadas, como afirma autora:

Os direitos dos Povos Indígenas de expressar seu amor à terra, de viver seus costumes, sua organização social, suas línguas, de manifestar suas crenças nunca foram considerados de fato. Mas, apesar da intromissão de valores dominantes, o jeito de ser e de viver dos povos indígenas vence o tempo: a tradição literária (oral, escrita, individual, coletiva, híbrida, plural) é uma prova dessa resistência. (GRAÚNA, 2013, p.15)

Mesmo com toda invisibilidade, os povos indígenas conservaram seus costumes e ritos por meio das memórias. Munduruku nos diz que “A memória é um importante componente nas sociedades



indígenas são compostas por uma memória social que não divide a realidade em campos opostos para ser compreendida. [...] Essa memória é passada de geração a geração [...] (2012. p. 47).

Podemos verificar que a oralidade sempre foi a forma de preservação das línguas e culturas da humanidade e dos povos Indígenas, pois tem a capacidade de revelar a identidade de um povo, seus rituais, assim como os modos de vida, como também um repositório para a singularidade das identidades, tradições e memórias.

Parte do conhecimento desenvolvido pelos povos indígenas ao longo de sua trajetória história tem a ver com a transmissão através das narrativas orais [...] São os velhos guardiões da memória, para muitos povos originários, estes velhos são as bibliotecas que estão guardadas a memória ancestral (MUNDURUKU, 2012 p. 67; 71)

Nesse contexto, é perceptível a valorização das pessoas com mais idade para transmissão de conhecimentos, e a escrita das oralidades reproduzem memórias como instrumentos de compreensão e propagação de experiências, pois privilegia ao sujeito conhecer por meio, da literatura o universo cultural e o modo de viver de cada povo. Além de quebrar estereótipos preconceituosos.

A escrita é uma conquista recente para a maioria dos 305 povos indígenas que habitam nosso país desde tempos imemoriais. Detentores de um conhecimento ancestral apreendido pelos sons das palavras dos avôs, estes povos sempre priorizaram a fala, a palavra, a oralidade como instrumento de transmissão da tradição, obrigando as novas gerações a exercitarem a memória, guardiã das histórias vividas e criadas. A memória é, ao mesmo tempo, passado e presente, que se encontram para atualizar os repertórios e possibilitar novos sentidos (MUNDURUKU *apud* DORRICO, 2019, p. 81).

Nesse sentido, Yamã nos diz: “Fazer livros. Levar o índio à sociedade e a sociedade ao índio é a tarefa e o objetivo do escritor indígena. Estreitando a relação de ambos, incluindo o índio na sociedade, nos jovens leitores, nas escolas” (2020, p. 8).

Sendo assim, podemos concluir que a literatura indígena apresenta características peculiares da ancestralidade, das memórias desta população, seus mitos, contos que antes eram transmitidos de geração em geração como uma tradição milenar, por meio da oralidade, atualmente, nos deparamos com livros editados, apresentando uma dimensão estética e conferindo-lhes um caráter literário.

SOBRE DANIEL MUNDURUKU

Daniel nasceu em Belém, no dia 28 de fevereiro de 1964, é Graduado em Filosofia, História e Psicologia, mestre em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo, Doutor em Educação pela



Universidade de São Paulo (USP), e realizou o pós-doutorado em Literatura na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

Autor de 54 livros, contemplado com vários prêmios nacionais e internacionais, recebeu dois Prêmios Jabuti, “Prêmio da Academia Brasileira de Letras - ABL, Prêmio Érico Vanucci Mendes - CNPq, Prêmio Madanjeet Singh para a Promoção da Tolerância e da Não Violência – UNESCO” (REGINA, 2021), entre outros.

Desde 1980, Daniel mora em Lorena, interior de São Paulo, é um Ativista, com engajamento no Movimento Indígena Brasileiro, na atualidade é “Diretor-Presidente da ONG e selo editorial Instituto Uka - Casa dos Saberes Ancestrais” (REGINA, 2021).

Sua literatura é voltada para todos os públicos, mas em especial, para o infantil e juvenil, retrata questões sobre diversidades culturais dos povos indígenas. Em entrevista para o *Nonada* jornalismo (2017), Daniel Munduruku salienta que “a literatura indígena precisa ser pensada como algo mais dinâmico, é uma literatura muito específica, comprometida, é uma literatura que alimenta um outro imaginário que não aquele que a gente tem” (SEGANFREDO, 2017). Pensando na importância de cultivar e estudar essa vertente literária, na importância de ressignificação de olhares voltando-se para valorização da literatura indígena que analisaremos o conto: *As amantes feiticeiras*.

O CONTO E A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO JUVENIL

Publicado em 2010, o conto: *As amantes feiticeiras* no livro *A caveira-Rolante, a mulher-Lesma e outras histórias indígenas de assustar*, do povo Karajá. Este conto conduz ao leitor a percorrer caminhos sobrenaturais, imaginários. Sua leitura requer do leitor uma interpretação não só do tempo e do espaço como a movência das personagens. Para Zumthor (2001), o termo movência indica um traço performático que a vocalidade do sujeito realiza, pois abre uma dupla perspectiva da voz: “A tradição, quando a voz é seu instrumento, é também, por natureza, o domínio da variante, daquilo que, em muitas obras, denominei movência dos textos” (2001, p. 144).

Entretanto, mesmo tendo vozes diversas, temos a presença de um narrador em terceira pessoa, que já no primeiro parágrafo, busca provocar uma hesitação no leitor, quando salienta:

Contam os velhos do povo Karajá que um misterioso acontecimento estava deixando a aldeia alarmada. Isso acontecia porque os guerreiros estavam sumindo durante a caçada e ninguém conseguia explicar por que isso estava acontecendo. Havia um clima de medo (MUNDURUKU, 2010, p. 40)



Para Todorov o medo é um critério fundamental para estabelecer o fantástico, ele cita Lovecraft, para afirmar “Um conto é fantástico, simplesmente se o leitor experimenta em forma profunda um sentimento de temor e terror, a presença de mundos e de potências insólitas” (TODOROV, 1992, p. 20).

Nesse sentido, ler esse conto faz o leitor transitar pelos espaços e ambientes que compõem as metáforas responsáveis pela reação de estranhamento. O conceito de estranhamento (*ostranenie*), segundo Chklovski (1917), seria o efeito criado pela obra literária, a sensação do objeto como visão e não como reconhecimento, o que permite ao leitor entrar numa nova dimensão, visível pelo olhar estético. Ao transitar pela floresta, aldeia, refazendo esse percurso pelas inúmeras passagens descritas no conto. As narrativas do estranho singularizam-se pela capacidade de provocar o medo, nesse sentido, em várias passagens deste conto o leitor vai se deparar com esse sentimento de medo.

A narrativa provoca no leitor diversas sensações. O conto se dá pela variação subjetiva da construção do espaço, tempo e personagens. Sua estrutura fabular remete ao sobrenatural, pois não há elementos como datação histórica, além de apresentar como personagem: mulher-sapo, mulher cobra, bichos monstruosos. Conforme a narrativa: Um jovem que pretendia enfrentar os seres assustadores “Topou com uma jovem. Ela era a muito bonita mulher-sapo (que por ser encantada podia ser mulher ou sapo)” (MUNDURUKU, 2010, p. 41).

No conto, temos também, A mulher-cobra, por sua vez, era uma viúva, que ajudou um jovem indígena doente, cuidando, alimentando, dando carinho e auxiliando com a arma que seria usada para destruir os seres monstruosos, num trecho da narrativa, a mulher-cobra saliente: “Vou ter de preparar umas flechas muito especiais e mágicas para você poder caçar os nhaçã reka! ” (MUNDURUKU, 2010, p. 43), supostamente, para destruir figuras mágicas, o jovem teria uma arma mágica.

O desenvolvimento da ação narrativa se dá pelas funções que as personagens desempenham no conto. “Por função, compreende-se o procedimento de uma personagem, definido do ponto de vista de sua importância para o desenrolar da ação” (PROPP, 1978, p. 26). A trajetória do protagonista, sua busca de realizar o seu desejo de encontrar seus parentes desaparecidos e tentar descobrir os diversos acontecimentos misteriosos que estavam amedrontando as pessoas da aldeia, além de colocar um fim, no terror que vinha tomando conta do povoado.

As características estruturais peculiares do conto permitem ao leitor juvenil uma leitura crítica, proporcionando a desejada interação texto e leitor. Nesse contexto, Silva aponta que:

A reduzida dimensão do conto provoca uma reação no leitor, ao mesmo tempo intelectual e emocional. Intelectual, na medida em que deixa o leitor perceber sua cuidadosa construção, e emocional na medida em que essa trama bem urdida desperta-lhe sentimentos (SILVA 2009, p. 43)



O enredo do conto é linear e o texto não apresenta uma caracterização profunda das personagens, nem um linguajar rebuscado, o que auxilia para uma descomplicada fluidez. O leitor pode observar o ambiente natural em várias passagens da narrativa, as vezes acontece na aldeia e em outros momentos nas profundezas da floresta.

A narrativa traz para o leitor elementos mágicos e da cultura indígena, extraordinários e cheios de fatos e acontecimentos.

Os bichos comeram os caçadores. Eles são dois ferozes nhaçã que andam em pé, tem pelos longos e negros e uma boca enorme com dentes aguçados. Fedem mais que carniça, usam flecha como nós e só falam em comer gente[...] as almas das coisas tomaram essa forma para nos perseguir e matar (MUNDURUKU, p.40-41).

O trecho em destaque apresenta a concepção do imaginário e do fantástico presentes no texto e, causa certa estranheza ao leitor compreender se tais criaturas seriam seres reais de características assombrosas e o fato das criaturas terem seus formatos modificados seria apenas um exagero ou se realmente são seres que mudaram de forma, utilizando magia.

[...] o fantástico ocupa o tempo desta incerteza. O fantástico é a vacilação experimentada por um ser que não conhece mais que as leis naturais, frente a um acontecimento aparentemente sobrenatural. O conceito de fantástico se define, pois, com relação ao real e imaginário, e estes últimos merecem algo mais que uma simples menção (TODOROV, 1980, p. 48).

Observa-se que o autor define o fantástico a partir de uma relação entre o real e o imaginário. Nesse sentido, entender que o imaginário seja uma herança universal e faça parte das representações como mobilizador e evocador de imagens que utilizam o símbolo para existir e se manifestar. Um fator fundamental é que o compromisso do imaginário é com o real e não com a realidade. O real seria a interpretação e a representação que os sujeitos fazem das coisas e da natureza, já a realidade é o entendimento das coisas e da natureza. Neste sentido, Held esclarece que o “imaginário não nos afasta da realidade, ao contrário nos permite restituí-la” (1980, p. 17). Podemos observar no trecho:

Vou atrás dessas feras - falou o rapaz, depois de preparar algumas flechas especiais para caçar macacos. [...] E mesmo que a velha avó dissesse para o rapaz não sair da aldeia, ele estava decidido a encontrar e matar aquelas feras que ameaçavam a vida de sua gente. Foi mata adentro. E tão logo entrou, topou com uma jovem. Ela era muito bonita mulher-sapo (MUNDURUKU 2010 p. 41).

O desejo de encontrar as feras que ameaçavam o seu povo, parte de um sujeito corajoso, idealista, impetuoso e resistente, nutrido do objetivo de tentar sanar o sofrimento do seu povo. Nesse



espaço de subjetividade, temos a movimentação do personagem, revoltada e cheia de desejo de vingança.

O herói do conto de magia pode ser tanto a personagem que sofre a ação do antagonista-agressor (ou que sofre uma carência) no momento em que se tece a intriga, como também a personagem que aceita reparar a desgraça ou atender às necessidades de outro personagem. No decorrer da ação, o herói é a personagem possuidor de um objeto mágico (ou de um auxiliar mágico), que o utiliza ou que se serve dele (PROPP, 1978, p. 30).

No conto em questão, o herói conta com a ajuda e as instruções da mulher-cobra, da mulher-sapo, e ganha da primeira o objeto mágico, a flecha que destruirá as criaturas malignas.

Nos dias seguintes ele continuou a frequentar a casa da mulher-cobra e contou a ela sua intenção de ir procurar seu irmão, perdido na floresta. -Bem nesse caso vou ter de preparar umas flechas muito especiais para você poder caçar os nhças rekã. Quando o rapaz despediu-se da mulher-cobra, em direção a sua aventura, ela lhe entregou as flechas mágicas e recomendou que não desprezasse a ajuda da mulher-sapo,[...] Ela, felicíssima(mulher-sapo) e querendo conservar o amante, revelou-lhe todos os segredos das feras (MUNDURUKU, 2010, p. 43).

Percebemos que as situações desencadeadoras dos acontecimentos fantásticos são imprevisíveis, mas seus desdobramentos mergulham profundamente e, principalmente, no interior das personagens femininas. As representações das personagens femininas no conto são misteriosas, ameaçadoras e precisas, podemos dizer que elas representam as “fadas madrinhas”.

O leitor vai se deparar neste conto, com elementos fantásticos, implicando a construção de um mundo ficcional híbrido, uma tensão entre dois mundos o extraordinário e sobrenatural, gerando desta maneira a sensação de dúvida sobre a possibilidade dos fatos narrados existirem no mundo ordinário. Segundo Held (1980) diz que “a narração fantástica convida, em suma, mais que qualquer outra, a uma leitura aberta, ou mesmo a leituras sucessivas e múltiplas” (p.31). Está narrativa provoca no leitor juvenil o sentimento da incerteza e a falta de explicação lógica para os acontecimentos descritos, como podemos verificar a seguir.

Dizendo isso o rapaz sentou-se na raiz de uma árvore e fingiu que estava adormecido, distraído, sonolento...A estratégia deu certo, pois os perigosos nhaçã rekã, comedores de gente, acreditavam que ele realmente estivesse tonto; por isso atiraram juntos, suas flechas. O guerreiro tomou para trás da grossa raiz, como se tivesse sido atingido. As feras ficaram todas eufóricas e apressaram-se a descer da árvore para recolher a vítima e saboreá-la (MUNDURUKU 2010 p. 45).

É importante assinalar, ainda, que as personagens não apresentam nomes próprios, o protagonista é representado como rapaz, jovem, guerreiro ou caçador, as personagens secundárias como velha, mulher-sapo, mulher-cobra.



O conto é finalizado provocando outro estranhamento quando o narrador afirma: “O valente jovem retalhou o corpo deles e levou-os para a aldeia onde todos provaram-lhe a carne e gostaram tanto que ainda hoje os Karajás não ficam sem comer carne de nhaçã (MUNDURUKU 2010, p. 45)”. A carne dos supostos monstros além de servir como alimento para o povo da aldeia, não tem fim.

Quando chegaram lá embaixo, tiveram uma grata surpresa [...]o astuto caçador aproveitou o momento para alvejá-los bem no meio dos olhos. A flecha foi tão certa que os deixou pendurados por algum tempo para que o caçador tivesse certeza de que não se tratava de um truque das feras. E para não correr o risco chamou o lagarto para desenganchá-los. Os dois caíram do alto da árvore (MUNDURUKU 2010, p. 45).

Podemos verificar que mais uma vez o leitor vai se deparar com a dúvida e o espanto. Louis Vax, em *Arte e literatura Fantástica*, citado por Todorov diz que “O relato fantástico nos apresenta em geral a homens que, como nós, habitam o mundo real, mas que de repente encontram-se ante o inexplicável” (*apud* TODOROV, 1980, p. 23). Nesse sentido Grivel em suas reflexões teóricas nos diz: “Le Fantastique est le lieu où nous affrontons notre propre conception de la Mort pour la dominer”. (1991, p. 177).

Percebemos que o conto também busca retratar ensinamentos, como a importância da humildade, um jovem guerreiro forte que não aceitou ajuda foi devorado pelos monstros, enquanto um jovem doente e frágil, com auxílio de criaturas femininas, conseguiu destruir os monstros. Nesse sentido, o leitor juvenil é transportado para um mundo imaginário, onde quase tudo é possível, apesar de muitas coisas serem inexplicáveis, essa narrativa indígena proporciona vivenciar o medo, o mistério e a fantasia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o objetivo de refletirmos sobre a formação de leitores juvenis, tendo o texto literário como foco, levantamos dados referente aos livros que despertam o maior interesse deste público, promovendo a afetividade. Realizamos uma pesquisa com 90 jovens de escolas públicas e privadas da cidade de São Paulo, estudantes do ensino fundamental II e médio que evidenciou uma preferência pela literatura fantástica. Assim nos debruçamos sobre tal gênero literário, trabalhando com o conto indígena *As amantes feiticeiras*, intitulado do povo Karajá, presente no livro *A caveira -rolante, a mulher-lesma e outras histórias indígenas de assustar* do autor Daniel Munduruku publicado em 2010.

Guiamos nossos olhares para o conto indígena, diante da necessidade de evidenciar a literatura dos primeiros habitantes brasileiros, que durante muito tempo transmitiram suas narrativas oralmente, e



aos poucos têm ganhado espaço no mundo da escrita, tal leitura, desperta novos olhares, criticidade e respeito as singularidades.

A formação do leitor juvenil é de suma importância, entre os estudantes que responderam nossa pesquisa, percebemos que não costumam debruçar sobre os livros frequentemente, assim as ações de professores mediadores para auxiliar no desenvolvimento de caminhos e compreensões referente aos textos, mostra-se de valia inestimável. Um estudo prévio tratando das temáticas que despertam mais interesse ao público-alvo pode facilitar para estimular o interesse no universo dos livros. Métodos e abordagens que promovam a atração pela leitura precisam-se fazer-se com constância em busca de elevar o gosto pela leitura, temos ciência que são inúmeras as dificuldades, numa sociedade voltada para o mundo digital, jogos, redes sociais, informações fragmentadas e aceleradas, mas, mudanças são construídas gradativamente.

Partindo do afeto pelo fantástico, nossa análise de Literatura indígena com ênfase na literatura fantástica pode ampliar e enriquecer a interação autor-texto-leitor, percebemos no conto *As amantes feiticeiras*, presença de elementos fantásticos, a provocação do medo, figuras supostamente mágicas, objetos mágicos, monstros que modificaram suas formas, que geram dubiedades, entre magia e o real. Toda história acontece na floresta, num povoado indígenas, dos povos Karajá, etnia que costuma habitar nos estados de Tocantins, Mato Grosso, Goiás e Para. O Livro da narrativa, aponta dados históricos deste povo, evidenciando que se trata de pessoas reais, provocando uma mistura de verossimilhança com magia, o real com imaginário. O texto provoca o gosto da leitura nos jovens, por provocar hesitações, dualidades, um encanto. Buscamos trazer o conceito de literatura fantástica a partir de Todorov e Held para realizar um exercício de análise no conto indígena, colaborando na desconstrução de estereótipos e proporcionando uma melhor interpretação, compreensão e desenvolvimento de habilidades leitoras.

REFERÊNCIAS

COSSON, R. “As práticas de leitura literária”. In: COSSON, R. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

DORRICO, J. *et al.* (orgs.). **Literatura indígena brasileira contemporânea: autoria, autonomia, ativismo**. Porto Alegre: Editora Fi, 2020.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler, em três artigos que se completam**. São Paulo: Editora Cortez, 1989.

GRIVEL, C. “Horreur et terreur: philosophie du fantastique”. In: CERISY, C. **La littérature fantastique**. Paris: Albin Michel, 1991.



HELD, J. **O imaginário no poder**: as crianças e a literatura fantástica. São Paulo: Editora Summus, 1980.

LLUCH, G. **Um nuervo lector juvenil**: Como lemos em la sociedade digital?. Barcelona: Leitores, Booktubers y Prosumidores, 2017.

MUNDURUKU, D. **A caveira-Rolante, a Mulher-Lesma e outras histórias indígenas de assustar**. São Paulo: Editora Global, 2010.

MUNDURUKU, D. **Memórias de índio**: uma quase autobiografia. Porto Alegre: Editora Edelbra, 2016.

MUNDURUKU, D. **O caráter educativo do movimento indígena brasileiro (1970-1970)**. São Paulo: Editora Paulinas, 2012.

PROPP, V. **Morfologia do conto**. Lisboa: Editora Vega, 1978.

SILVA, F. G. **A nostalgia do Vazio**: a leitura como espaço de pertencimento dos adolescentes. São Paulo: Editora Solisluna, 2021.

SILVA, V. M. T. **Leitura literária e outras leituras**: Impasses e alternativas no trabalho do professor. Belo Horizonte: Editora RHJ, 2009.

TODOROV, T. “Introdução à literatura fantástica”. **Academia.edu** [1980]. Disponível em: <www.academia.edu>. Acesso em: 30/07/2023.

ZUMTHOR, P. **A Letra e a Voz**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2001.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano V | Volume 15 | Nº 44 | Boa Vista | 2023

<http://www.ioles.com.br/boca>

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávoro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima